



Pelo direito à voz: a palavra como resistência em Carolina Maria de Jesus e Stella do Patrocínio¹

For the Right to Speak: The Word as Resistance in Carolina Maria de Jesus and Stella do Patrocínio

Cíntia Borges Almeida Fonseca

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

cintiaborgesaf@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0219-3702>

Resumo: O presente artigo investiga o conceito de literatura a partir do diálogo entre as obras de duas autoras que utilizaram a palavra como resistência à condição de privação a que estavam submetidas: Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Stella do Patrocínio (1941-1997). Neste percurso, buscaram-se instantes poéticos construídos por duas mulheres determinadas a criar para si um lugar no mundo a partir dos abismos subjetivos e da atmosfera opressiva em que viviam. O presente estudo parte do legado deixado por essas mulheres apesar – e a partir – do desamparo, da fome, do delírio ou das privações para indagar sobre a potência da palavra como abrigo contra o aniquilamento da subjetividade.

Palavras-chaves: literatura; loucura; fome; delírio; palavra.

Abstract: This article investigates the concept of literature from the dialogue between the works of two authors who used the word as resistance to the condition of deprivation to which they were submitted: Carolina Maria de Jesus (1914-1977) and Stella do Patrocínio (1941-1997). Along this path, the poetic moments built up by those two women strong-minded to create a place in the world for themselves despite the subjective chasms and the oppressive atmosphere guided this investigation. The present study starts from the legacy left by these women despite – and starting from – helplessness, hunger, delirium or deprivation to inquire about the power of the word as a shelter against the annihilation of subjectivity.

Keywords: literature; madness; hunger; delirium; word.

¹ A escolha de grafar Stella com duplo L baseia-se em informação publicada no artigo “Stella do Patrocínio, ou o retorno de quem sempre esteve aqui”, no qual a doutoranda em Teoria e História Literária da Unicamp Anna Carolina Vicentini Zacharias afirma ter tido acesso à carteira de identidade da autora e confirmado a correta grafia do nome.

Somente a pouquíssimos homens, devido às pressões da sobrevivência, foi dado apreender o universal no mergulho em si mesmos, ou foi permitido que se desenvolvessem como sujeitos autônomos, capazes de se expressar livremente. Os outros, contudo, aqueles que não apenas se encontram alienados, como se fossem objetos, diante do desconcertado sujeito poético, mas que também foram rebaixados literalmente à condição de objeto da história, têm tanto ou mais direito de tatear em busca da própria voz, na qual se enlaçam o sofrimento e o sonho. A afirmação desse direito inalienável tem sido uma constante, ainda que de maneira impura e mutilada, fragmentária e intermitente, a única possível para aqueles que têm o fardo para carregar.

(ADORNO, 2003, p. 77).

1 Duas vidas em diálogo

É tentador aproximar Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Stella do Patrocínio (1941-1997) pela trajetória de privações que tiveram: duas mulheres, negras, vivendo à margem da sociedade, em quartos de empregada, de despejo ou de asilos, lutando contra a fome e o desamparo. Mas uma leitura socializante da vida de Carolina e de Stella não dá conta do legado que deixaram em palavras. Lê-las pela chave da privação não faz jus ao jorro imaginativo, ao transbordamento poético ou à força alcançada pela voz que possuem. Aqui, a escassez de comida ou de acolhimento não embotou a fala, nem borrou a lucidez. Ao contrário, da falta veio a potência para transformar vida em literatura, desassossego em arte, para se sustentarem como sujeito a partir da linguagem. Ambas cometeram a ousadia de não se calar, e passaram a vida às voltas com as palavras, ditas ou escritas.

Neta de escravos nascida em 1914, a mineira de Sacramento Carolina Maria de Jesus teve uma vida implacável, e reagiu à altura: empregada doméstica e catadora de papel, morou grande parte da vida em quartos de empregada ou em barracos de favela. Como tantos, foi para São Paulo em busca de oportunidades e encontrou uma cidade assustadora, “em todas as direções que se olha alguém está correndo [...] tenho a sensação de estar transferindo-me de um planeta para outro”, descreve nas páginas do

manuscrito *Um Brasil para os brasileiros* (JESUS, [196-], p. 47-48).² Era 1947. Trabalhou em algumas casas de família, sem se adaptar a nenhuma delas. Morou na rua antes de chegar à favela do Canindé, às margens do Tietê, para onde ela e outros indigentes foram enviados por ordem do então prefeito Adhemar de Barros. Construiu seu barraco na rua A, número 9, com as próprias mãos.

Mãe solteira de três filhos que muitas vezes não tinham o que comer, Carolina tirava o seu sustento do lixo. Lutava diariamente contra a fome, que de alguma forma conseguiu combater com a ajuda das palavras: Carolina manteve por cerca de cinco anos mais de 20 diários que, editados, transformaram-se no sucesso editorial *Quarto de despejo*. Em seus escritos, faz digressões sobre política, a rotina precária na comunidade e a pobreza extrema em que vive. Mas o que salta das páginas são os gestos de resistência e os instantes poéticos que constrói em meio à lama, ao detrito e à dor. Publicado em 1960, com a ajuda do jornalista Audálio Dantas, que a conheceu ao fazer uma matéria na comunidade para a revista *Cruzeiro*, o livro vendeu mais de 100 mil exemplares e foi traduzido para 40 países. Antes disso, no entanto, ainda na década de 1940, começara a escrever e a publicar, esporadicamente, pequenas histórias em jornais.

Quando escrevia tinha a impressão de que meu cérebro normalizava-se. Que alívio. Quem me dera ser sempre assim [...]. Um jovem, Luiz Catapano, vendo-me escrever diariamente, ficou curioso pensando que eu era louca. Porque existem vários tipos de loucuras (JESUS, [196-], p. 53),

conta Carolina em *Um Brasil para os brasileiros*. Com apenas dois anos de educação formal, Carolina revelou com seus escritos mais do que o cotidiano de uma vida em comunidade. Carolina deu um novo sentido ao próprio trabalho ao transformar o significado do que coletava – papéis velhos – em

² Um dos cadernos de manuscritos entregues pessoalmente por Carolina de Jesus, em seu sítio em Parelheiros, à jornalista Clélia Pisa e à editora francesa Maryvonne Lapouge, em 1972. O material serviu de base para o livro póstumo *Journal de Bitita*, publicado primeiro na França (1982) e posteriormente no Brasil, pela editora Nova Fronteira (1986) e atualmente pela Editora Sesi-SP (2014). O manuscrito *Um Brasil para brasileiros*, utilizado e referenciado ao longo deste trabalho, encontra-se sob a guarda do Instituto Moreira Sales, no Rio de Janeiro.

suporte para o fazer literário. Disseram-lhe que era poeta e escritora. “Fiquei inteiramente horrorizada e com o coração aos saltos”, conta na página 55 do manuscrito. Determinada, acreditou em uma transformação social através das palavras. Passou a dizer-se poeta e escritora. Usou a imaginação como abrigo para a privação: “As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários” (JESUS, 1963, p. 52), conta. Pulando dejetos e lama, achava-se capaz de alcançar as estrelas: “eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço de céu para fazer um vestido” (JESUS, 1963, p. 28), afirma.

Stella do Patrocínio teve uma existência igualmente árida: nascida em 1941, pouco se sabe sobre a trajetória dela. Empregada doméstica na Urca, Rio de Janeiro, de instrução secundária, Stella passou mais de 30 anos em internação psiquiátrica e, com exceção de um sobrinho que a visitou assim que chegou ao manicômio, nunca foi procurada por familiares. E, como reitera a pesquisadora Anna Carolina Zacharias (2020), que acaba de defender uma dissertação de mestrado sobre Stella na Unicamp com dados que jogam luz sobre pontos pouco conhecidos da trajetória da poeta,

os manicômios eram instituições sociais voltadas para o controle dos corpos [...]. Por isso, são recorrentes as perdas de informações sobre a vida de cada um deles, bem como os papéis sociais desempenhados em liberdade e os seus laços familiares.

O apagamento do sujeito era, portanto, parte de uma política pública. Entre as lacunas cobertas pela pesquisa de Zacharias (2020), estão informações sobre a família da autora, que possui sobrinhos vivos ainda hoje, com quem ela conseguiu duas fotos de Stella, a carteira de identidade da poeta, e a confirmação da correta grafia de seu nome, com duplo L.

De alguma forma, Stella repetiu a trajetória materna: trabalhou na mesma casa de família onde sua mãe enlouqueceu, e passou pela mesma instituição psiquiátrica, de onde a progenitora teve alta pouco antes de ela entrar. Chegou ao Centro Psiquiátrico Pedro II, no bairro do Engenho de Dentro, em 1962, e logo depois foi transferida para a colônia Juliano Moreira, onde passou o restante da vida. Fundada em 1924, a colônia chegou a ter mais de 7 mil internos, numa época em que lobotomia, eletrochoque, castigos físicos e isolamento compulsório faziam parte da rotina, e o controle de corpos era justificativa suficiente para a desumanização extrema a que os

pacientes eram submetidos. Segundo Ricardo Aquino (2012, p. 59), citando o discurso do médico psiquiatra Gustavo Riedel à época do lançamento da pedra fundamental do hospital, “a Colônia recolhia das ruas degenerados de toda ordem: tarados, mendicantes, fanáticos, doentes mentais, desordeiros”. A Juliana Moreira espelhava, portanto, o desejo de ordem e controle imposto pelos regimes autoritários em ascensão à época, fazendo jus à definição de colônia que nos marcou como país: um território distante do centro, sob frequente coerção e vigilância, marcado pela violência.

Stella do Patrocínio foi retirada de circulação, afastada das ruas, mantida em prisão perpétua, como ela mesma diz. Ou, como atesta a pesquisadora Anna Carolina Zacharias (2020):

Stella do Patrocínio foi sequestrada quando andava na rua, por ser “nega, preta e crioula”, como se tivessem o direito de governá-la. As ações que a institucionalizaram foram responsáveis por seu adoecimento e por tratá-la como indigente.

Com a reforma manicomial,³ na década de 1980, a rotina dos internos pôde ser reinventada. Aos 45 anos, Stella começou a participar de oficinas de arte organizadas por um grupo de voluntários, sob a supervisão da artista plástica Neli Gutmacher. Dando preferência às palavras em detrimento das tintas e telas comumente utilizadas nos ateliês, Stella chamou atenção pela voz: límpida, potente, lúcida. Uma fala essencialmente poética, elaborada em forma de versos, que descrevia com surpreendente lucidez a situação de enclausuramento e embotamento a que estava submetida:

³ Desde a década de 1970, sob influência do médico psiquiatra italiano Franco Basaglia, hospitais psiquiátricos passam a ser visto como espaço de reclusão, e não mais de cuidado terapêutico. No Brasil, começam a surgir denúncias sobre a precarização das condições de trabalho dos profissionais da saúde mental, dos abusos cometidos em instituições psiquiátricas do país e das bases do que seria o movimento de reforma do sistema psiquiátrico, que culminou com a criação do Dia da Luta Antimanicomial, em 18 de maio de 1987. De acordo com Ricardo Aquino (2001, p. 17), diretor do Museu Bispo do Rosário, “desde a década de 1980, a antiga colônia passa por transformações [...]. Foram abolidos os castigos, a lobotomia, as celas fortes, os eletrochoques [...] Stella do Patrocínio pôde se beneficiar deste movimento que denominamos Reforma Psiquiátrica. A sua fala passou a não ser mais ouvida como delírio nem seus escritos banalizados como excentricidades”.

Eu estava com saúde
 Adoeci
 Eu não ia adoecer sozinha não
 Mas eu estava com saúde
 Estava com muita saúde
 Me adoeceram
 Me internaram no hospital
 E me deixaram internada
 E agora eu vivo no hospital como doente
 O hospital parece uma casa
 O hospital é um hospital
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 51)

Às vezes ela escrevia pequenos versos e registros numéricos em papelão, materializando-se em palavras. Mas, na maioria das vezes, ela falava, e falava com domínio da língua, sem vícios ou erros de linguagem. Stella chamava atenção: tinha o porte altivo e a voz ativa, apesar dos tratamentos psiquiátricos a que foi submetida. Por conta disso, começaram a chamá-la de poeta e filósofa. Alguns de seus versos romperam a barreira do manicômio e ganharam as paredes do Paço Imperial na Exposição “Ar subterrâneo”, em 1988, que reuniu trabalhos diversos produzidos nas oficinas artísticas realizadas no hospital psiquiátrico. Sua fala também foi preservada em gravações, transcritas e reunidas na coletânea póstuma *Reino dos bichos e dos animais*, organizada pela filósofa Viviane Mosé. O que se ouve, ao ler seus textos, é uma voz capaz de fazer tremer o discurso da razão ao implodi-lo por dentro, expondo ao mesmo tempo as amarras ao que o louco estava submetido e as entranhas de uma outra linguagem, com forte potência onírica. Muito mais do que um falatório, como ela se referia às frases que declamava, Stella parecia empenhada em criar para si um lugar no mundo a partir dos abismos subjetivos e da atmosfera opressiva em que vivia. Elaborando simbolicamente a experiência limítrofe a que estava submetida, Stella transformou o que poderia ser apenas desatino em fortes imagens poéticas.

Carolina Maria de Jesus e Stella do Patrocínio causam espanto pela força que carregam em seus corpos e palavras. Insubmissas, não aceitaram o silêncio a que pareciam condenadas – pela marginalidade social ou pela opressão psiquiátrica. Carolina dizia: “sou rebotalho. Estou no quarto de

despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (JESUS, 1963, p. 33). Stella descreve identificação semelhante, anos depois: “eu sobrevivi do nada, do nada/Eu não existia/Não tinha uma existência/Não tinha uma matéria” (PATROCÍNIO, 2001, p. 80).

Mas persistem, coletando o que a vida oferece para seguir em frente: “Toda manhã eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que eu faço é abrir a janela e contemplar o espaço”, afirma Carolina (JESUS, 1963, p. 23). “Quando o sol penetra no dia dá um dia de sol muito bonito muito belo”, completa Stella (PATROCÍNIO, 2001, p. 111). Brilhante, incandescente e renovado a cada amanhecer, o desejo parece demarcar o seu lugar a partir e apesar da falta, em um incessante movimento de reafirmação da potência de vida, em Stella do Patrocínio e em Carolina de Jesus. Não satisfeitas, recusam-se a caber nos espaços a que estão confinadas, transbordando-se em palavras, como que em busca de ar: “Eu cato papel, não gosto. Então eu penso: faz de conta que eu estou sonhando”, conta Carolina (JESUS, 1963, p. 26). “O tempo é o gás, o ar, o espaço vazio”, completa Stella (PATROCÍNIO, 2001, p. 93). De alguma forma, resistem à objetificação através da linguagem, apropriando-se dela, implodindo o discurso – o sociológico, que amarraria Carolina à pobreza; e o psiquiátrico, que reduziria Stella ao delírio esquizofrênico – e fazendo emergir a literatura, linguagem de “densidade enigmática”, como descrita por Michel Foucault (2002, p. 412), capaz de “dissipar os mitos que animam nossas palavras, de tornar-se de novo ruidosa e audível a parte de silêncio que todo discurso arrasta consigo quando se enuncia”.

Uma linguagem capaz de perfurar, abrindo buracos na estrutura, bolhas de ar; capaz de flertar com o delírio ou de encarar a fome, sem temer ser dominada por um ou pelo outro. Ao dizer-se escritora, Carolina de Jesus cria para si uma outra trajetória e uma outra identidade, para além do casebres, dos entulhos e do estigma de favelada. Ao contar sua rotina em versos, Stella do Patrocínio amplia os limites do seu quarto-cela e bordeja a arte a partir da loucura. Nas mãos de Carolina e de Stella, a literatura se faz bomba e escudo protetor, armas de resistência: estilhaça muros, protege o desejo da morte. Espanta, assusta e perturba, faz-se arte.

2 Em busca da própria voz

Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro sobre a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com essas cenas desagradáveis me fornecem os argumento (JESUS, 1963, p. 17),

profetiza Carolina de Jesus, em anotação do dia 19 de julho de 1955. A fala, em tom de ameaça, é proferida contra vizinhas que teimam em desprezar o limite do barraco e da vida privada de Carolina. A resposta vem em tom de desqualificação: “Você só sabe catar papel” (JESUS, 1963, p. 17). Mas Carolina parece ouvi-la como um desafio: está sempre a portar um lápis, um papel ou um livro, para mostrar que a palavra impõe limites à casa e pode traçar um novo contorno para a vida. Ela cata papel, sim, mas não apenas para a subsistência. Pela escrita, diferencia-se dos demais, cria margens imaginárias à própria rotina, constrói um percurso concreto do sonho à mudança. Ou, tomando emprestado o termo cunhado por Eduardo Viveiros de Castro (2019), o papel em Carolina é suporte para *reexistência*. Na definição do antropólogo, utilizada para falar da sobrevivência sempre ameaçada dos povos ameríndios brasileiros, a resistência seria imanente à existência, duas ações conjugadas em prol da manutenção da vida – *resistir* para *existir*, portanto (CASTRO, 2019, p. 5). Em Carolina, o vocábulo ressoa para além da dupla potência do termo, e incorpora a ele a possibilidade de reinvenção: através da escrita, a autora luta por uma outra vida, em outro tempo, e outro lugar. Carolina cria para si a possibilidade de *reexistir* pela escrita. Uma outra existência, portanto, para além daquela que parecia condenada.

Talvez por isso Carolina se aproprie de palavras dando a elas um tom culto, algumas vezes antiquado. De outro tempo, de outro lugar. Com mediação da linguagem, ela se afasta da desumanização da favela e reveste a existência de privações de floreios e adjetivos que às vezes parecem não se encaixar ao cenário. Há uma inadequação entre o real – inapreensível, sufocante – e as palavras, delicadas em excesso para a aspereza da vida na favela:

Até que enfim parou de chover. As nuvens desliza-se para o poente. Apenas o frio nos fustiga. E várias pessoas da favela não tem

agasalhos. Quando uns tem sapatos, não tem palitol. E eu fico condoída de ver as crianças pisar na lama (JESUS, 1963, p. 41),

conta Carolina em 29 de maio de 1958. Entre deslizos ortográficos e linguagem sofisticada, muitas vezes com influência de poetas românticos e parnasianos, Carolina vai cunhando o seu estilo, encontrando a sua voz, dando forma a uma língua própria.

Em *Crítica e Clínica*, Gilles Deleuze (1997) persegue o traçado da palavra que dá forma a uma nova geografia reinventada pelo escritor. “É o delírio que as inventa”, afirma, “como *processo* que arrasta as palavras de um extremo a outro do universo” (DELEUZE, 1997, p. 9). Em Carolina, gritos de vizinhos, brigas de casal, disputas por água ou pedidos insistentes dos filhos por comida, por mais comida, invadem o barraco e intercalam-se a momentos de silêncio na madrugada, quando ela acorda antes do restante da casa para escrever, refletir, sonhar. O lado de fora inunda o barraco. Mas ela desenha a fronteira da casa com palavras:

Eu deixei o leito às 3h da manhã porque quando a gente perde o sono começa a pensar nas misérias que nos rodeia. Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. É preciso criar este ambiente de fantasia para esquecer que estou na favela (JESUS, 1963, p. 52).

A vida borra a folha de papel deixando marcas, impondo pausas, criando uma sintaxe própria. Para Deleuze (1997), só é possível captar a fronteira entre o visto e o ouvido, o sentido e o pressentido, o concreto e o sensível, através da linguagem, sem, no entanto, ser necessário “impor uma forma à matéria vivida” (DELEUZE, 1997, p. 15). Para Deleuze (1997), a literatura ultrapassa a representação do cotidiano, abrindo espaço para o excesso, para falta, para o inacabado ou para o delírio, fazendo da palavra, potência – bastião de resistência. Uma literatura que é feita desses restos de conversas diárias entreouvidas por Carolina desde seu quarto na favela. Brigas, gritos, desavenças que, ao invés de fazê-la desistir da escrita, colocam-na em movimento para ressignificar sua existência.

A literatura como um interrogar-se diário, uma tessitura que incorpora a fluidez à cadência das palavras, uma forma de habitar o mundo e dar

contorno ao desejo para além do real que aprisiona e limita os movimentos de uma existência precária, em uma permanente desterritorialização. Carolina faz-se em palavras, cria para si um quarto de despejo que também é de desejo, um outro espaço-tempo na dura existência diária. Ela escapa para a minoridade ao recusar-se a caber na identidade que lhe reservaram. Revolta-se, transforma-se, assume-se protagonista de sua própria história, devém escritora – processo contínuo do qual se ocupa ao longo de toda a sua vida.

Fazer da fome, linguagem. E não qualquer linguagem. Carolina causa espanto pela clareza que tem em não se aceitar rebotalho. Do silêncio a que parecem estar condenados os que vivem na fronteira da desumanização, Carolina constrói sua literatura. Atenta, abafa os ruídos do entorno para ouvir a si mesma e expressar suas vontades mais profundas. Ao invés de discutir com vizinhos, escreve; ao invés de desistir, sonha. Busca a sobrevivência no lixo, e a *reexistência* na imaginação:

Quando estou com pouco dinheiro, procuro não pensar nos filhos que vão pedir pão, pão, café. Desvio meu pensamento para o céu: será que lá em cima tem habitantes? Será que eles são melhores do que nós? [...] Será que lá existe favela? E se lá existe favela será que quando eu morrer eu vou morar na favela? (JESUS, 1963, p. 45)

Fazer-se sujeito, apesar das privações, a partir da concretude da fome. Carolina carrega sozinha as tábuas para subir seu barraco à margem do rio, em cima da lama. Mas não ergue apenas uma casa. Faz dela um espaço íntimo entre palavras. Constrói a si mesma a partir e apesar dos entulhos. Tropeça, mas resiste: “Estou sem ação com a vida. Começo a achar minha vida insípida e longa demais. Hoje o sol não saiu. O dia está triste igual a minha alma” (JESUS, 1963, pg. 79). Expõe suas fraturas, transborda-se em palavras:

excede porque é excessiva a fome, porque é excessiva a degradação das condições da vida que leva, porque tem também excessiva imaginação e capacidade de se virar catando, no monturo do lixão, comida e literatura (CHIARA, 2006, p. 39).

Excesso que transborda em palavras, mas que também é sentido no corpo, e que se materializa em dores diversas: nos diários que dão origem ao livro *Diário de Bitita*, Carolina descreve sua peregrinação por diversas cidades do interior de São Paulo em busca de tratamento para as pernas.

Ironicamente, ela percorre quase todo o trajeto entre caronas e caminhadas. Em *Quarto de despejo*, o barraco está inscrito no corpo claudicante de Carolina: o cheiro da favela entranha-se na pele, faz-se marca a ponto de a autora dizer que gostaria de andar com um cartaz nas costas – “Se estou suja é porque não tenho sabão” (JESUS, 1963, p. 89); o fardo de sustentar sozinha a casa e os três filhos pesa sobre os ombros, reflete-se nas pernas, toma todo o corpo. A autora é atravessada por um frequente mal-estar: “Quando cheguei na favela estava indisposta e com dor nas pernas. A minha enfermidade é física e moral” (JESUS, 1963, p. 81). A fome, por vezes, escava a vontade: “Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estômago. E por infelicidade eu amanheci com fome” (JESUS, 1963, p. 89).

Em Carolina Maria de Jesus, o silêncio a que foi condenada pela fome, pela miséria, pela falta de uma educação formal, transborda por todo o corpo. Corpo-sintoma que adoece quando sofre em silêncio, mas que persegue a escrita, transformando a falta em potentes instantes poéticos. Carolina coloca em palavras momentos de pura beleza em plena miséria, bolhas de ar em meio à putrefação: “Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante. As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles” (JESUS, 1963, p. 38). Ou ainda: “é início do mês. É o ano que desliza” (JESUS, 1963, p. 43).

Se Carolina fez da fome literatura, Stella do Patrocínio transformou delírio em poesia. Com domínio da língua formal – praticamente não cometia erros gramaticais –, Stella criou uma linguagem própria, intensa e subversiva, para sobreviver aos mais de 30 anos de isolamento e apagamento impostos pela rotina de um manicômio. Como Carolina, Stella refugiava-se na linguagem para lidar com a dor, o desamparo e as privações. Como Carolina, preferia manter-se à parte do grupo, em um silêncio altivo e observador. Evitava aglomerações, pedidos, discussões. Fazia do quarto clausura e do corpo, morada. Quando falava, no entanto, saía do ensimesmamento fragmentário comum a tantos internos, fazendo-se em palavras: em seu ‘falatório’, Stella criticava a instituição e as tentativas de adoecê-la: “Eu já fui operada várias vezes/Fiz várias operações/Sou toda operada/Operei o cérebro, principalmente” (PATROCÍNIO, 2001, p. 69); espantava-se com o efeito do tratamento em seu corpo: “É dito: pelo chão você não pode

ficar /Porque lugar de cabeça é na cabeça / Lugar de corpo é no corpo” (PATROCÍNIO, 2001, p. 52); temia a morte do desejo e o silenciamento total: “eu sinto fome, matam minha fome/eu sinto sede matam minha sede/ fico cansada falo que tô cansada/matam meu cansaço” (PATROCÍNIO, 2001, p. 142). Só a sobrevivência não bastava para Stella, portanto.

Stella tinha apenas 21 anos quando foi levada a um hospital psiquiátrico, depois de perder os óculos de sol, o sentido e o fio da razão num bar em Botafogo. “Luís não tava mais na hora em que o óculos caiu, eu não sei para onde ele foi, porque eu fiquei, de repente, de repente, eu fiquei sozinha [...]. Eu estou aqui como indigente, sem ter família nenhuma, morando no hospital” (PATROCÍNIO, 2001, p. 49). Foi diagnosticada como esquizofrênica e submetida a tratamentos incapacitantes, mas nunca perdeu completamente a consciência dos limites de sua subjetividade. Ou, como afirma Viviane Mosé (2001, p. 24), “Stella era capaz de se organizar neste limite, nesta tensão entre ordem e ausência de ordem”.

Apenas duas décadas mais tarde, com a Reforma Psiquiátrica e com as atividades artísticas e terapêuticas que passaram a ser desenvolvidas na colônia, que a voz de Stella do Patrocínio, “muito bem patrocinada”, como diria ela mesma, passou a ser efetivamente ouvida, considerada, registrada em gravações. Para Viviane Mosé (2001), a fala de Stella diferenciava-se da dos demais pacientes justamente por ela ter consciência do que dizia, ser capaz de ordenar o pensamento e refletir sobre ele, colocando a si mesma e a internação psiquiátrica em perspectiva: “Ousaria dizer que Stella se sustentava em uma ordenação delirante, uma ordenação móvel, fundada na afirmação de sua própria fragmentação”, afirma (MOSE, 2001, p. 24).

Fazer-se sujeito, apesar de todas as tentativas de silenciamento a que foi submetida. Stella causa espanto pela força poética de seus versos, e pela lucidez com que os constrói. Com palavras, ela abre pequenas bolhas de ar para se fazer caber num espaço que impõe, de forma sistemática, a uniformização, o apagamento, o sufocamento. O corpo é afetado, apropriado pelo discurso institucional e submetido a delirantes tratamentos em nome da ciência. Muitos de seus versos reverberam como gritos de resistência ao aprisionamento. Ela explicita as interdições a que está submetida, e o esforço que empreendem para tirar do corpo do interno qualquer vestígio de insubordinação. Mas ‘burla’ o sistema, fazendo da reiteração da proibição a força dos seus versos:

É dito: pelo chão você não pode ficar
Porque lugar de cabeça é na cabeça
Lugar de corpo é no corpo
Pelas paredes você também não pode
Pelas camas você também não pode ficar
Pelo espaço vazio também não vai poder ficar
Porque lugar de cabeça é na cabeça
Lugar de corpo é no corpo
(PATROCÍNIO, 2009, p. 44).

Michel Foucault (2002) reconta a história da loucura pela investigação do conceito de razão, para traçar uma “arqueologia do silêncio”, que confinou o delírio à categoria de doença mental. O filósofo francês mostra que, desde a Idade Clássica, a loucura vem sendo gradativamente expulsa da produção de pensamento. Não há espaço para o desvario no cogito cartesiano. Mais do que um polo de opostos, a razão “nasce da exclusão, no interior do discurso, de tudo que diz respeito à loucura”, explica Viviane Mosé (2001, p. 35). O sujeito cartesiano só é soberano se tem suas bases firmemente fincadas na razão. O louco é seu resto alienado e alienante, sua existência às avessas.

Na Modernidade, a cisão se aprofunda ainda mais. O louco sai de cena, é afastado do convívio social, isolado para tratamento. Criam-se dispositivos de controle: prisões, manicômios, trabalho forçado. Entre muros, a loucura se torna objeto de investigação científica, dependente da razão do outro para existir como *doença*:

Foucault mostra como a experiência trágica da loucura, que ainda se manifestava livremente no Renascimento – na França, chegou a haver, no século XVI, uma literatura da loucura, escrita por loucos – foi excluída, reprimida, em instituições como o “grande enclausuramento” e o hospício, por um saber racional que, na época clássica, a concebeu como desrazão e, na modernidade, como doença mental (MACHADO, 2001, p. 32).

Sob o olhar perscrutador da ciência, a loucura é reduzida a um corpo adoentado sob constante escrutínio. Uma batalha desigual entre razão e desatino, onde há sempre – ou quase sempre – o mesmo perdedor. Como aponta ter consciência a própria Stella do Patrocínio:

Eu sei que você é um olho
Uma espiã que faz espionagem
É uma fiscal um viagem também
É uma criança prodígio precoce poderes
Milagre mistério
É uma cientista
Já nasce rica e milionária
(PATROCÍNIO, 2001, p. 128).

Na coletânea organizada por Viviane Mosé, há um capítulo inteiro dedicado ao olhar, desde a visada de Stella em busca de espaço e sentido no mundo ao olhar investigador devolvido pela psiquiatria. “Quem bota para enxergar se não sou eu que boto para enxergar?” (PATROCÍNIO, 2001, p. 89), pergunta-se Stella, em busca de uma mirada própria, de uma voz.

A ciência moderna reduz o louco à custosa posição de paciente: o tratamento cassa as palavras e o desejo. A ruptura é justamente da ordem do discurso. A psiquiatria se impõe como uma tentativa de fazer o paciente recuperar a razão pelo silenciamento dos desatinos, como se fosse possível enlaçar o discurso, domando-o como pensamentos selvagens, sem levar junto também a potência de vida. Os versos de Stella do Patrocínio mostram justamente o percurso da paciente diante da tentativa de enjaular seus delírios pela força da razão. Stella resiste às grades e à desumanização. O “reino dos bichos e dos animais” parece ficar depois da vida e depois da morte, lá onde qualquer vestígio de desvario e desejo são esvaziados, reduzidos aos instintos mais básicos.

Depois do entre a vida e a morte
Depois dos mortos
Depois dos bichos e dos animais
Só fica a vontade como bicho e como animal
(PATROCÍNIO, 2001, p. 116).

Não gosto de bicho não gosto de animal
Apesar de que existe bicho existe animal
Mas eu não gosto de bicho não gosto de animais
(PATROCÍNIO, 2001, p. 117).

Meu nome verdadeiro é caixão enterro
Cemitério defunto cadáver
Esqueleto humano asilo de velhos
Hospital de tudo quanto é doença
Hospício
Mundo dos bichos e dos animais
(PATROCÍNIO, 2001, p. 118).

Mas resta à Stella lucidez suficiente para fazer da falta palavra. A fala de Stella evidencia o olhar de quem se vê de fora, capaz de problematizar e questionar o saber científico que tenta aprisioná-la. Seus versos marcam o tempo, apontam o esforço de resistir – “depois”, e “depois” e “depois” pouco sobra; pela repetição estrutural da frase, reitera a dificuldade de se manter íntegra:

Eu não sei quem fez você enxergar
Cheirar pagar cantar pesar ter cabelos
Ter pele ter carne ter ossos
Ter altura ter largura
Ter o interior ter o exterior
Ter um lado o outro a frente os fundos
Em cima embaixo
Enxergar
Como é que você consegue enxergar e ouvir vozes?
(PATROCÍNIO 2001, p. 87).

O aprisionamento afeta o corpo, e pelo corpo ela resiste. Stella faz da voz potência, agarra-se à vida com unhas e dentes, se necessário. “Me ensinaram a morder chupar roer lambe e dar dentadas” (PATROCÍNIO, 2001, p. 133), conta. E expõe o desejo de manter-se de pé, mesmo com o esgarçamento da experiência levada ao limite por décadas de confinamento:

Eu não sei como pode
Formar uma cabeça
Um olho enxergando, nariz respirando
Boca com dentes

Orelhas ouvindo vozes
Pele, carne, ossos
Altura, largura, força
Para ter força
O que é preciso fazer?
É preciso tomar vitamina
(PATROCÍNIO, 2001, p. 83).

3 Onde se enlaçam o sofrimento e o sonho

Ruídos e balbucios emergem mesmo que sob pressão da ciência e da razão. Há, portanto, uma linguagem que escapa à ordem, que transborda do silêncio e não aceita ser calada, que não está à procura de uma origem perdida ou de uma verdade essencial. Para Foucault (2002), essa linguagem é a literatura. E, não à toa, loucura e literatura se encontram na obra de autores como Mallarmé, Antonin Artaud ou Friedrich Hölderlin. Uma permite que a outra se manifeste sem camisa de força, deixando vir à tona o percurso do sujeito atravessado pela linguagem, num eterno “corpo a corpo” com as palavras. Uma linguagem que aceita e abarca os restos e detritos do discurso da razão, permitindo que o louco assuma, mesmo que de forma claudicante, sua própria voz. Como resgata Viviane Mosé (2001, p. 41), no prefácio à *Stella do Patrocínio*, “por trás de todo escritor moderno, diz Foucault, esconde-se sempre a sombra do louco que o sustenta”.

Em *As palavras e as coisas*, Foucault (2002) esboça a história do pensamento ocidental para chegar ao ponto de surgimento do sujeito contemporâneo, tal qual conhecemos hoje, aquele que produz conhecimento sobre a linguagem (gramática), sobre a vida (biologia) e o capital (economia política), mas que também se volta sobre si mesmo pela primeira vez na trajetória da humanidade, botando-se em questão e pensando seu lugar no mundo, fundando o discurso das ciências humanas e da psicanálise. A própria linguagem é posta pela primeira vez em questão: desconfia-se dela também, não mais linguagem-quadro que espelha o transcendente, como no Renascimento, tampouco linguagem-superfície, refém do olhar, como na era Clássica.

Desde a Idade Moderna, a linguagem ultrapassa a superfície, mergulha sobre si mesma. Guiada em parte pelo inconsciente recém-descoberto pela

psicanálise, a linguagem na contemporaneidade contempla os recuos, os lapsos, os chistes e os sonhos; escava em busca de sentido, mas chega à fantasia que, em seu núcleo, nada mais é do que uma interpretação original. Ou ainda pela filosofia de Nietzsche, a linguagem escava em busca de um sentido, mas encontra o desaprumo, o desequilíbrio, “a ponto de atestar que “a profundidade não passava de um jogo e de uma dobra da superfície” (FOUCAULT, 2000, p. 44). Se em Nietzsche o mergulho interpretativo pode levar a um ponto de ruptura, levando junto o seu intérprete, em Freud, parece levar até a loucura – “sanção de um movimento [...] que se aproxima infinitamente do seu centro, e que desmorona, calcinada” (FOUCAULT, 2000, p. 47). O interior da linguagem não leva, portanto, a uma origem ou sentido perdidos, mas às margens do pensamento, lá onde literatura e loucura parecem fazer fronteira – local de onde reverberam as vozes de Carolina de Jesus e Stella do Patrocínio, respectivamente.

De certa forma, a literatura inclui o que ficou à margem e coloca em protagonismo sujeitos continuamente cassados pelo discurso da razão. Carolina de Jesus rompe o isolamento da privação social ao contar sua própria história. Stella do Patrocínio deixa de ser um objeto da história da loucura para se fazer ouvir pelos seus versos, fazendo-se sujeito através das palavras. A literatura subverte o estatuto da linguagem, trazendo para cena o que foi tratado como resto indesejado do discurso da razão, escancarando a impossibilidade de um discurso homogêneo e preciso.

“Linguagem posta a nu”, afirma Foucault (2002, p. 532) sobre o encontro entre literatura e loucura, aberta ao impensável, à finitude, à morte e ao corpo. Sem uma representação única para amarrar significantes numa cadeia contínua e sem falhas, o sujeito se faz e se desfaz “nos interstícios de uma linguagem em fragmentos” (FOUCAULT, 2002, p. 535). Das margens do saber ou da ciência escrevem Stella do Patrocínio e Carolina Maria de Jesus. Ambas resistiram ao que a vida – com todo o excesso de real que lhe forma e lhe deforma – reservou para elas, recusaram-se a caber na lógica de funcionamento da pobreza ou da loucura. Fizeram das palavras uma forma de existência, mesmo quando duvidaram delas.

Ao final da vida, Stella do Patrocínio parece desacreditar das palavras. Questiona-se sobre o falatório, alega que não tem nada mais a dizer: “Eu não tenho mais voz/Porque já falei tudo que tinha para falar/Falo, falo, falo, falo o tempo todo/E é como se eu não tivesse falado nada” (PATROCÍNIO,

2001, p. 142). Segue lúcida do próprio fim, até o fim: “Não deu tempo/eu estava tomando claridade e luz/Quando a luz apagou/A claridade apagou/Tudo ficou nas trevas/Na madrugada mundial/Sem luz” (PATROCÍNIO, 2001, p. 24). Cansou-se, afirma, de ser tratada como dejetos: “botando o mundo inteiro para gozar e sem gozo nenhum” (PATROCÍNIO, 2001, p. 125). Sabe que não conseguirá vencer o discurso científico: “Quem vence a saúde é outra saúde/quem vence o normal é outro normal/quem vence um cientista é outro cientista” (PATROCÍNIO, 2001, p. 143).

Carolina Maria de Jesus atravessa a vida perseguindo palavras. Ela mantém seus cadernos, escreve contos, provérbios e poemas. Não se cala, mas luta para ser ouvida: seus livros subsequentes não têm a tiragem ou o sucesso do primeiro. Sair do *Quarto de despejo* e chegar à *Casa de Alvenaria* a condena a um limbo social e editorial: deixa de ser a voz da favela para se tornar uma intrusa no asfalto. Decepciona-se com a falta de idealismo fora da comunidade: “Aqui há não só muita ambição, mas também o desejo de vencer a qualquer preço. Mesmo que os meios empregados sejam podres” (JESUS, 1963, p. 173). Escreve, no caderno *Um Brasil para os brasileiros*, o poema “Vidas”, no qual narra a morte silenciosa de pessoas que, como ela, um dia tiveram voz:

Nem sempre são ditosas
as vidas das pessoas famosas
Edgar Allan Poe morre na sarjeta
Na guilhotina Maria Antonieta
Luís de Camões teve que mendigar
Gonçalves Dias morre no mar
Casemiro de Abreu morre tuberculoso
Tomáz Gonzaga louco furioso.
(JESUS, [196-], p. 158)

Stella resiste ao manicômio, mas não à hiperglicemia: tem uma perna amputada, e perde o que lhe resta de potência de vida. De alguma forma, a ação da doença sobre o corpo orgânico escancara a fragilidade do corpo sensível. “Ficou muito triste, parou de falar e de comer”, conta Viviane Mosé (2001, p. 21) no prefácio do livro. Está cansada. Afinal, carrega em seu corpo “quinhentos milhões e quinhentos mil. A idade dos moradores do núcleo Teixeira Brandão Jacarepaguá” (PATROCÍNIO, 2001, p. 148).

Perde força e voz. Stella morre em 1997 de infecção generalizada causada pela ferida não cicatrizada. Silencia-se, torna-se estrela.

Carolina sobrevive à fome e à favela, mas não ao exílio a que foi submetida pelo mercado literário e editorial. Chega ao fim da vida morando sozinha e empobrecida no sítio que comprou em Parelheiros, área rural de São Paulo. Segue produzindo, apesar de tudo, mas compara a escrita a um tormento. “Não posso sentar por longo tempo, é que se eu ficar sem mover-se, os versos começam a surgir. Tenho que estar em atividade ininterruptamente e, quando desperto, deixo o leito. Creio que já familiarizei com esta miniatura de calvário” (JESUS, [196-], p. 61), conta. Ao final da vida, “ela era uma árvore amarga no vento ventando e qualquer lufada mais forte derrubava”, conta a jornalista Clélia Pisa (2014, p. 303) que trabalhou nos manuscritos de *Um Brasil para os brasileiros* para a edição francesa de *O diário de Bitita*. Carolina morre em 1977, de complicações de uma asma crônica. Falta-lhe ar e fôlego para seguir em frente.

Stella do Patrocínio e Carolina Maria de Jesus forjaram uma vida singular através da linguagem, com suas fraturas expostas, suas pausas e gaguejos, suas zonas de luz e sombra. Os escritos de Carolina resistiram ao amarelo da fome – “antes de comer eu via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo” (JESUS, 1963, p. 40), às marcas do tempo e aos limites do barraco. As palavras de Stella sobreviveram ao ar, ao espaço e ao tempo do delírio – aos gases que lhe formaram e lhe deram cor, afirma –, ganharam concretude pela intensidade de sua voz. De alguma forma, ambas usaram as palavras como abrigo contra o aniquilamento da subjetividade. Fizeram da falta, potência; do pensamento, puro ato; dos excessos de um real tantas vezes intolerável, poderosos instantes poéticos que ressoam até hoje, quebrando muros, iluminando novos caminhos e possibilidades de leitura.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2003.
- AQUINO, Ricardo. Do pitoresco ao pontual: uma imagem-biografia. In: LÁZARO, Wilson. *Arthur Bispo do Rosário*. Rio de Janeiro: Réptil, 2012.
- AQUINO, Ricardo. Estrela. In: PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*. Organização de Viviane Mosé. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Brasil, país do futuro do pretérito*. Aula inaugural do CTCH, PUC-Rio, 14 de março de 2019. Disponível em: https://laboratoriodesensibilidades.files.wordpress.com/2019/05/brasil_pais_do_futuro_do_preterito.pdf. Acesso em: 4 jun. 2020

CHIARA, Ana. *Ensaio de possessão*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, Freud, Marx. In: FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (Coleção Ditos & escritos).

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. *Um Brasil para os brasileiros*: contos e poesias. São Paulo, [196-]. 97 p. 1 manuscrito. Arquivo Carolina Maria de Jesus (ACMJ). Acervo do Instituto Moreira Sales.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MOSÉ, Viviane. Stela do Patrocínio: uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica. In: PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*. Organização de Viviane Mosé. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*. Organização de Viviane Mosé. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PISA, Clélia. Entrevista com Clélia Pisa. Entrevista concedida a Raffaella Fernandez. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 297-304, 18 dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5752/8821>.

ZACHARIAS, Anna Carolina Vicentini. Stella do Patrocínio, ou o retorno de quem sempre esteve aqui. *Revista Cult*, São Paulo, 22 set. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/stella-do-patrocinio-retorno-sempre-esteve-aqui/>. Acesso em: 4 out. 2020.

Recebido em: 28 de julho de 2020.

Aprovado em: 19 de abril de 2021.